

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

Brad Lubman direcção musical  
Worten Digitópia projecção

19 Fev 2022 · 18:00 Sala Suggia

INVICTA.MÚSICA.FILMES



casa da música

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA





Maestro Brad Lubman sobre o programa do concerto.  
[VIMEO.COM/678152864](https://vimeo.com/678152864)

MECENAS WORTEN DIGITÓPIA

**worten**

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



---

## ***La chute de la maison Usher***

CINE-CONCERTO

Baseado no conto de **Edgar Allan Poe**

**Jean Epstein** filme (1928)

**José María Sánchez-Verdú** música\* (2019)

Tradução: Carla Basto

\*Estreia em Portugal; encomenda Casa da Música,  
Settimane Musicali di Stresa e Real Filharmonía de Galicia.

Duração: 65 minutos sem intervalo.

## La chute de la maison Usher

FRANÇA, 1928

A década de 1920 foi extraordinariamente rica para o cinema. Enquanto que os filmes clássicos de Hollywood estabeleciam o seu domínio comercial um pouco por todo o Ocidente, tomando partido do declínio da produção cinematográfica europeia durante a Guerra, novas escolas e correntes cinematográficas surgiam noutros países, em parte em reacção a esse mesmo domínio norte-americano. Três dessas correntes seriam particularmente marcantes: o Impressionismo Francês, o Expressionismo Alemão e a Montagem Soviética. Em contraste com a tendência, até aí predominante, de encarar o cinema como meio de entretenimento e produto comercial, todas essas correntes assumiam uma atitude mais experimental e vanguardista, com fortes ligações aos movimentos modernistas noutras artes. Acima de tudo, tomavam explicitamente o cinema como uma forma de arte, o que não significava, de resto, que colocassem inteiramente de parte considerações económicas e comerciais (no cinema, aliás, tem sido sempre ténue a fronteira entre arte e entretenimento).

O filme que hoje vemos — *A Queda da Casa de Usher* (1928) — é algo híbrido a nível estilístico. O realizador, Jean Epstein (1897-1953), é um dos representantes maiores do cinema impressionista francês, mas, tal como afirmam David Bordwell e Kristin Thompson, este filme em particular “combina técnicas de filmagem impressionistas com elementos cenográficos expressionistas de modo a criar um tom estranho e assombroso”. Esses elementos expressionistas estão em sintonia com a narrativa gótica de Edgar Allan Poe (1809-1849) em que o filme se baseia (o argumento do filme combina, na verdade, elementos de várias narrativas de

Poe: não só *The Fall of the House of Usher*, mas também *The Oval Portrait*, *Ligeia* e *The Pit and the Pendulum*). O filme de Epstein evoca também, em muitos momentos, ambientes próximos do horror expressionista de filmes como *Nosferatu* (1923), de F. W. Murnau (1888-1931). Nessa combinação de elementos impressionistas e expressionistas, não é exemplo único: já em *Don Juan et Faust* (1922), o realizador impressionista Marcel l'Herbier (1888-1979) havia recorrido a um guarda-roupa e uma cenografia expressionistas nas cenas protagonizadas por Fausto; e, no mesmo ano, em *Die Straße*, o realizador expressionista Karl Grune (1890-1962) utilizara sobreposições de imagens para mostrar as visões do protagonista, recorrendo, nesse particular, a uma técnica tipicamente impressionista.

Na verdade, um dos aspectos centrais do estilo impressionista era a tendência para utilizar as técnicas cinematográficas como forma de exibir e amplificar o ponto de vista subjectivo das personagens, frequentemente nos mostrando imagens mentais como visões, sonhos ou memórias. A técnica da sobreposição de imagens (já mencionada a propósito de *Die Straße*) era particularmente recorrente: por exemplo, em *Feu Mathias Pascal* (1926), um outro filme de Marcel l'Herbier, vemos ao mesmo tempo o protagonista (enquanto viaja de comboio) e aquilo em que ele está a pensar (uma série de imagens da sua aldeia e da sua família). Noutros casos, o ponto de vista distorcido de uma personagem (associado à sua loucura, embriaguez ou estado emocional extremo) vem sugerido por planos oblíquos, pelo uso de lentes desfocadas, pelo recurso à câmara lenta, por imagens filmadas através de um espelho distorcido ou por movimentos repentinos da câmara. Várias dessas técnicas se encontram em *A Queda da Casa de Usher*,

por exemplo na cena dos relógios, já na parte final do filme, em que as imagens desfocadas e sobrepostas sugerem tanto a presença de uma força sobrenatural como a desorientação emocional do protagonista.

Um outro aspecto importante da estética impressionista era a ênfase no ritmo das imagens cinematográficas. De acordo com a realizadora e teórica Germaine Dulac (1882-1942), uma das figuras principais do movimento, “pela escolha das imagens, pela sua duração e pelos seus contrastes, o ritmo torna-se a fonte única da emoção”. Uma das formas pelas quais essa ênfase rítmica se traduzia nos filmes impressionistas era pelo recurso a uma montagem extremamente rápida, procurando sugerir o estado mental perturbado de uma dada personagem. Por exemplo em *La Roue* (1923), um filme realizado por Abel Gance (1889-1981), a confusão emocional de Elie é sugerida por uma sucessão extremamente rápida de planos, cada um deles contendo um só fotograma. Os espectadores eram, assim, bombardeados com 20 imagens descontínuas num só segundo, ficando eles próprios atordoados e confusos. Um outro filme de 1923 com montagens extremamente rápidas é *Couer Fidèle*, de Jean Epstein. Na *Casa de Usher*, encontramos segmentos desse tipo em várias cenas, por exemplo no momento altamente poético em que as imagens do protagonista, Roderick Usher, a tocar guitarra são rapidamente justapostas com estranhas imagens da natureza, alternando planos do que parece ser um lago e uma floresta.

Para os realizadores impressionistas, esta ênfase rítmica traduzia uma forte afinidade do cinema com a música. Na sua tentativa de definir a especificidade do cinema como forma de arte autónoma, estes autores distanciavam o cinema do teatro e da literatura, recorrendo, em vez disso, à música como modelo conceptual

para definir a nova arte. Abel Gance, por exemplo, definia metaforicamente o cinema como “a música da luz”, dizendo que havia dois tipos de música (a outra era a “música do som”, ou seja, a música propriamente dita). De acordo com Germaine Dulac, “o filme puro que todos sonhamos fazer é uma sinfonia visual de imagens rítmicas”, enquanto que para Émile Vuillermoz (1878-1960), um crítico cinematográfico associado ao movimento impressionista, “na composição de um filme encontramos as mesmas leis que as que governam a composição de uma sinfonia”.

A musicalidade intrínseca dos filmes impressionistas parece convidá-los naturalmente a um complemento musical. Isso mesmo é reconhecido por José María Sánchez-Verdú (n. 1968), o compositor andaluz autor da nova banda sonora, composta em 2019, que hoje ouvimos a acompanhar o filme. Numa entrevista publicada a 5 de Fevereiro de 2020, depois da apresentação da banda sonora num cine-concerto em Santiago de Compostela, o compositor afirmou que “o que mais me interessava eram aspectos relacionados com o pensamento [de Epstein] como filósofo e realizador de cinema, acima de tudo no que dizia respeito ao uso do tempo e da montagem, na sua reflexão sobre como criar uma montagem de imagens em diferentes *temp*”, acrescentando que “em Epstein tudo isto é algo de *absolutamente musical*”. Um dos aspectos mais interessantes da composição de Sánchez-Verdú é, assim, o modo como responde musicalmente às sequências de montagem rápida presentes no filme, algo notado por Paco Yáñez, o autor da entrevista acima citada. Yáñez refere-se, em particular, à cena já mencionada em “que se sucedem de forma frenética as imagens do lago e das árvores”, observando que, nesse

ponto, “a música avança vertiginosamente em várias camadas”. Um outro exemplo é quando o cadáver de Madeleine Usher é levado “até ao cemitério, com as imagens sobrepostas que Epstein monta na imagem a terem o seu correlato nos diferentes *tempi* simultâneos da orquestra”.

A música de Sánchez-Verdú não se relaciona apenas com esse lado mais abstracto do filme: responde também, em igual medida, aos seus elementos mais concretos e narrativos. Graças a um trabalho tímbrico extraordinariamente detalhado, próximo da noção de “música concreta instrumental” de Lachenmann, o compositor faz frequentemente da música uma espécie de sonoplastia, mimetizando, na orquestra, sons directamente sugeridos pelos elementos visuais do filme (como a tempestade, os sinos ou o relógio). É neste contexto que o compositor dá também corpo sonoro à guitarra, um instrumento que aparece muitas vezes no filme e que vem traduzido musicalmente de forma bastante directa, já que ouvimos mesmo uma guitarra na orquestra.

De acordo com o compositor, há ainda uma outra função da música no filme: sugerir “tudo o que tem a ver com o mundo da psique, com o mundo da natureza, nessa perspectiva de revelação de que falava o próprio Epstein”. Sánchez-Verdú relaciona essa vertente mais subtil, profunda e invisível com o aspecto sobrenatural e fantasmagórico de um filme em que nos encontramos “num mundo de espíritos, não de pessoas vivas”. Assim justifica até a diferença da sua abordagem neste filme face à que havia seguido numa outra banda sonora, composta entre 2002 e 2003, para um outro filme mudo (ainda mais) célebre: o já referido *Nosferatu* de F. W. Murnau. Para esse filme, o compositor havia optado por uma abordagem mais directa, traduzindo certos elementos da

narrativa como *Leitmotive* musicais: o vampiro, por exemplo, vinha consistentemente associado ao acordeão. Em *A Queda da Casa de Usher*, a abordagem tende a ser mais poética, menos estritamente narrativa.

Esta banda sonora foi resultado de uma co-encomenda da Casa da Música, do Festival de Stresa (em Itália) e da Real Filharmonía de Galicia. Depois de a obra ter sido estreada em 2019 em Stresa e de ter sido ouvida, em 2020, em Santiago de Compostela, a estreia portuguesa teve de esperar mais um pouco, devido aos adiamentos associados à pandemia de covid-19. Ouvimos hoje, finalmente, esta nova banda sonora em Portugal.

DANIEL MOREIRA, 2022

## Brad Lubman direcção musical

O maestro e compositor norte-americano Brad Lubman conquistou largo reconhecimento ao longo das últimas duas décadas pela sua versatilidade, pela técnica apurada e pelas interpretações profundas. Requisitado pelas principais orquestras da Europa e dos EUA, tem mantido colaborações regulares com agrupamentos como a Sinfónica da Rádio Bávara, as Sinfónicas NDR e WDR e a Sinfónica Alemã de Berlim.

Para além de uma agenda preenchida na Alemanha, é frequentemente convidado a dirigir algumas das principais orquestras mundiais, entre as quais a Orquestra do Real Concertgebouw, a Filarmónica da Radio France, a Filarmónica de Los Angeles, a Sinfónica de São Francisco, a Orquestra do Maggio Musicale Fiorentino, a Sinfónica Nacional Dinamarquesa e a Sinfónica de Xangai. Tem trabalhado também com alguns dos mais importantes agrupamentos europeus e americanos de música contemporânea, tais como Ensemble Modern, London Sinfonietta, Klangforum Wien, Musikfabrik, Ensemble Resonanz, Los Angeles Philharmonic New Music Group e Steve Reich and Musicians. Recentemente trabalhou com grandes orquestras como a Sinfónica da BBC, a Filarmónica della Scala e a Sinfónica da Rádio de Berlim. Em 2021/22 dirige as Sinfónicas da SWR, da NDR, da Rádio de Frankfurt e da Radio France, a Filarmónica de Bruxelas, entre outras.

Brad Lubman é fundador e co-director artístico e musical do Ensemble Signal, de Nova Iorque. A sua gravação de *Music for 18 Musicians* de Steve Reich para a Harmonia Mundi foi premiada com um Diapason d'Or (2015) e figurou na tabela Billboard Classical Crossover. Na Primavera de 2019, dirigiu o ensemble na estreia de *Reich/Richter* de Steve Reich, no âmbito do projecto Reich Richter Pärt, na

inauguração do centro cultural The Shed em Nova Iorque. É professor associado de direcção e ensembles na Eastman School of Music em Rochester (Nova Iorque) e membro do Bang-on-a-Can Summer Institute.

A discografia de Brad Lubman distribui-se pelas editoras Harmonia Mundi, Nonesuch, AEON, BMG/RCA, Kairos, Mode, NEOS e Cantaloupe. Em 2017, foi compositor em residência no Festival de Grafenegg (Áustria); as suas composições têm sido tocadas por orquestras prestigiadas como a Filarmónica de Los Angeles e a Tonkünstler na Áustria. Em 2020 estreou uma nova obra escrita para Rudolf Buchbinder no Musikverein de Viena, gravada por Buchbinder para a Deutsche Grammophon.

## Worten Digitópia projecção

A Worten Digitópia engloba toda a produção digital da Casa da Música: gravação, edição e transmissão — áudio e vídeo —, apoio tecnológico, criação na área da música electrónica, programação e desenvolvimento, investigação e formação. É constituída por uma equipa jovem mas altamente especializada e multidisciplinar. O seu âmbito de acção é bastante alargado, incluindo actividades e projectos como o desenvolvimento de software e hardware, a realização de oficinas educativas e formações especializadas, o trabalho com comunidades, o apoio aos agrupamentos residentes da Casa da Música, a produção científica e artística, a criação de conteúdos musicais e vídeo e a recolha e transmissão de concertos. Tem como missão criar as pontes necessárias para que o público, as comunidades e os artistas possam ter acesso às realidades musicais que as novas tecnologias possibilitam. Acredita na difusão livre de conhecimento e no desenvolvimento de ferramentas com código aberto (*open source*) e tem uma visão integrada do conhecimento, desde a pesquisa à sala de concerto.



## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Christian Zacharias** maestro convidado principal

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury, a que se junta em 2022 a compositora Rebecca Saunders.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2022, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Rebecca Saunders, Philippe Manoury, António Pinho Vargas, Pedro Amaral, Solange Azevedo e José Maria Sanchez-Verdú

— este último num cine-concerto com nova música para *A Queda da Casa de Usher*, filme clássico de Jean Epstein. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação das óperas *Senza Sangue* de Peter Eötvös e *O Castelo do Barba Azul* de Béla Bartók, numa sessão única com direcção do próprio Eötvös, e grandes obras corais-sinfónicas como *o Requiem* de Verdi e a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, ao lado do Coro Casa da Música.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

**Violino I**

James Dahlgren  
Emanuel Salvador\*  
Radu Ungureanu  
Evandra Gonçalves  
Maria Kagan  
Tünde Hadadi  
Emília Vanguelova  
José Despujols  
Andras Burai  
Ianina Khmelik  
Vadim Feldblioum  
Roumiana Badeva

**Violino II**

Nancy Frederick  
Tatiana Afanasieva  
Karolina Andrzejczak  
Pedro Rocha  
Lilit Davtyan  
Catarina Martins  
Domingos Lopes  
Paul Almond  
Nikola Vasiljev  
Mafalda Vilan\*

**Viola**

Mateusz Stasto  
Anna Gonera  
Emília Alves  
Rute Azevedo  
Jean Loup Lecomte  
Francisco Moreira  
Theo Ellegiers  
Rita Costa \*

**Violoncelo**

Nikolai Gimaletdinov  
Feodor Kolpachnikov  
Irene Alvar  
João Cunha  
Aaron Choi  
Hrant Yerosyan

**Contrabaixo**

Rui Rodrigues  
Jorge Villar Paredes  
Tiago Pinto Ribeiro  
Altino Carvalho

**Flauta**

Paulo Barros  
Alexander Auer

**Oboé**

Aldo Salvetti  
Sofia B. Florença\*

**Clarinete**

Carlos Alves  
Gergely Suto

**Fagote**

Maria Castro\*  
Vasily Suprunov

**Trompa**

Nuno Vaz  
Bohdan Sebestik

**Trompete**

Ivan Crespo  
Luís Granjo

**Trombone**

Severo Martinez  
Dawid Seidenberg

**Percussão**

Bruno Costa  
Nuno Simões

**Piano**

Luís Duarte\*

**Guitarra**

Pedro Rodrigues\*

\*instrumentistas convidados



APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

